

Frederico Tell de Lima Ventura

Ciclo I – Quarta-feira, noturno

As coisas sem importância

“servem de mais da conta” para a psicanálise

*Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para a poesia.*

Manoel de Barros, *Matéria de poesia* (1974)

Tendo em vista um interesse maior pela clínica psicanalítica, mais do que por uma discussão teórica da construção e desdobramento da primeira tópica freudiana, procurarei aqui abordar o tema dos “atos falhos”. Uma das questões-chaves que me parece estar em jogo quando Freud trata desse tema, tanto no ensaio “Lembranças encobridoras” (de 1899) quanto no livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (de 1901), é sobre o modo e as condições de possibilidade de registramos as experiências, e o conseqüente modo em que essas experiências se manifestam como lembranças em nossa consciência, ou seja, como funciona o que chamamos de memória subjetiva.

E uma vez que nos damos conta desses mecanismos e modos de funcionamento da memória, ou mesmo na busca por entendê-los, nos deparamos com um conjunto de fenômenos subjetivos, que podemos dizer universais (dentro do que Freud chama de civilização ou cultura), cotidianos e

aparentemente banais, para os quais nossa consciência, nossa cultura e mesmo nossa ciência não dão muito valor, pelo menos até Freud tratar desses fenômenos. É nesse registro que aparecem os atos falhos e as lembranças encobridoras, que justamente por passarem despercebidos e se mostrarem sem muita importância tem um valor inestimável, como uma espécie de chave mágica, para esse mundo um tanto fantástico, e porque não, onírico, da psicanálise. Eles nos permitem vislumbrar na consciência conteúdos recalçados “localizados” no inconsciente, sendo esse o limite possível, já que o inconsciente em si mesmo, ao que parece, mantém as portas fechadas para o nosso acesso e conhecimento imediato. Só o conhecemos por aproximação, de forma mediada pelo que ele nos oferece fora dele mesmo. Dessa maneira, os atos falhos e as lembranças encobridoras constituem um material de primeira importância na clínica psicanalítica com os quais analista e analisando irão se deparar, daí meu interesse por esse tema. E nesse mesmo sentido, parafraseando Manuel de Barros, essa desimportância toda dos atos falhos servem muito para a poesia onírica da psicanálise.

* * *

*Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mija em cima,
serve para poesia.*

Manuel de Barros, *Matéria de poesia* (1974)

Buscando dar corpo a esse interesse pela clínica psicanalítica, tentei achar no próprio Freud um ponto de apoio que me oferecesse uma alternativa para pensar o material clínico, tendo em vista o fato de que não sou psicanalista

(ainda), nem terapeuta e que minha experiência clínica se reduz à minha própria análise (de cerca de 8 anos). E encontrei esse ponto de apoio na autoanálise, isto é, tomarei um ato falho meu para elaborar a presente reflexão, como uma espécie de experimento desprezioso, dado já de antemão suas limitações.

O livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* está recheado de exemplos do próprio Freud, e mesmo o ensaio “Lembranças encobridoras”, num ocultamento um tanto mal disfarçado, traz no seu principal exemplo uma lembrança do autor. O mesmo ocorre no texto que “funda” a psicanálise: *A interpretação dos sonhos*, de 1900. Diante dessa recorrência, creio que valha a pena pensar rapidamente sobre o estatuto da autoanálise.

Freud, em “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica”, de 1910, diz o seguinte:

Desde que um bom número de pessoas vem exercendo a psicanálise e trocando experiências, notamos que cada psicanalista consegue ir apenas até onde permitem seus próprios complexos e resistências internas, e por isso exigimos que ele dê início à sua atividade com uma *autoanálise* e a aprofunde continuamente enquanto amplia sua experiência com doentes. *Quem nada obtém numa autoanálise pode muito bem abandonar a ideia de que é capaz de tratar analiticamente pessoas doentes.* (Freud, 2013; grifos nosso)

Antes de levar em consideração as futuras objeções do próprio autor, gostaria de avaliar o que me parece permanecer desse trecho. O que creio estar em jogo aqui não é tanto a eficiência da autoanálise, mas a implicação do sujeito que se pretende analista. Se não estiver disposto a se lançar ao esforço da autoanálise, seja de um sonho ou de um ato falho, como poderia estar em condições de escutar e se implicar nesta escuta, na fala do analisando e nos efeitos daí decorrentes? Desse modo, o que me parece entrar em jogo na questão da autoanálise é o próprio princípio ético da psicanálise.

Claro que, como o próprio Freud irá apontar já em 1912, em “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, a autoanálise tem sua limitação em sua eficácia, o que exigiria uma análise clínica propriamente dita com um psicanalista. Também em “A sutileza de um ato falho”, já dos idos de 1936, Freud demonstra em um exemplo sua incapacidade de interpretar um lapso na escrita de um simples cartão de presente, necessitando do auxílio de sua filha (creio que Anna Freud) para entender a sutileza de tal ato falho. Mas se formos levar tais argumentos às últimas consequências, a própria análise clínica não tem como oferecer garantias de ser bem-sucedida, mas constitui-se em uma tentativa. No trecho citado acima, Freud pensava na autoanálise como ponto de partida para o analista pensar e lidar com a contratransferência quando esta entra em cena na relação com o analisando. Creio que hoje, mesmo com a instituição da supervisão, tomar a autoanálise como ponto de partida para pensar a contratransferência não seja equivocado, desde que se reconheça de antemão suas limitações.

Arriscando aqui uma interpretação própria do que me atraiu e chamou a atenção no esforço da autoanálise, gostaria de indicar dois pontos. Primeiro, para o iniciante e aspirante a psicanalista, a autoanálise se apresenta como uma primeira possibilidade dele se implicar em uma análise do ponto de vista do analista (sempre, claro, reconhecendo as limitações desse procedimento autorreferente). Sem dúvida alguma, na posição de analisando, o sujeito também pode e deve se implicar no desenvolvimento e desdobramento de sua própria análise; e inclusive o caminho normal é esse sujeito se autoanalisar de acordo com o que constrói em sua análise pessoa. Mas creio que para o futuro psicanalista, o esforço de autoanálise já coloca em questão o que significa

estabelecer uma relação analítica com um analisando, quais as responsabilidades e riscos envolvidos, o que exatamente de ético envolve o ofício da psicanálise ao entrar em relação com esse outro.

Segundo, e decorrente do primeiro ponto, ponderei se a autoanálise não se apresenta ao aspirante a psicanalista, tendo inclusive um princípio ético da psicanálise, como a possibilidade de fazer de si seu próprio “laboratório”, antes de se lançar imediata e irresponsavelmente ao ofício da psicanálise com um outro, não implicando assim de modo desastrado um analisando em sua formação.

* * *

O que é bom para o lixo é bom para a poesia [...]

As coisas sem importância são bens de poesia.

Manuel de Barros, *Matéria de poesia* (1974)

Após esse preâmbulo um tanto extenso, mas que creio justificar-se, apresentarei um pequeno ato falho e tentarei desdobrar algumas de suas implicações e uma interpretação.

No primeiro semestre deste ano, no Curso de Formação em Psicanálise, estava eu assistindo à aula da psicanalista e professora Daniele John, sobre “lembranças encobridoras”. Quando, com cerca de 40 minutos já transcorridos, percebi que estava escrevendo muitas palavras erradas em sua grafia, em particular a palavra “verdade” e “realidade”, no contexto da noção de “realidade psíquica”. Rapidamente percebi que se tratava de um ato falho, interpretei o eixo que me parecia principal, e voltei novamente minha atenção à exposição. Posteriormente, percebi que nos outros grupos de estudos de psicanálise que

frequente eu estava recorrentemente errando a grafia das palavras, de um modo geral.

Errar a grafia das palavras é tão natural, e em tempos de corretores automáticos, tão habitual e cotidiano que talvez fosse um exagero considerar esse exemplo um ato falho. No entanto, no meu caso, isto possui um agravante. Além de estar habituado tanto com a leitura como com a escrita de textos, em função de minha formação, o mais decisivo tem a ver com a minha profissão, que exerço há 6 anos. Sou editor de livros, trabalho com preparação de texto, cotejo de traduções, revisão etc.: ou seja, meu trabalho é achar erros, não apenas de grafia, mas desde problemas estruturais de significado até o detalhe do detalhe em um livro. E se há um problema grave nesse meio é inserir um erro em um texto de um autor, ou seja, escrever algo errado ao tentar corrigir um suposto erro. Nesse sentido, pelo simples fato de um exercício cotidiano de trabalho, não costumo errar a grafia de palavras. E por esse motivo, de imediato, percebi que se tratava de um ato falho.

Outro fator externo, mas não menos importante, é que a psicanalista Daniele John estava falando sobre o funcionamento da memória, de sonhos, lembranças encobridoras e atos falhos, o que creio ter criado ou facilitado a criação de um contexto para a produção de um lapso na escrita.

Nesse período, eu estava trabalhando em uma revisão extremamente exaustiva, que se tornara problemática justamente porque os responsáveis pelas etapas anteriores de edição do livro haviam cometido um conjunto de equívocos estruturais que resultaram em uma infinidade de erros que foram inseridos. E por motivos pessoais, por se tratar de um assunto relacionado ao tema de meu mestrado e ter muitos de meus professores como autores, eu considerava o livro

importante. Diante disso, sem nenhuma necessidade propriamente dita, ergui diante de mim um desafio nada saudável: não apenas corrigir os inúmeros erros inseridos, mas não errar; esse era o mandamento em questão. Era uma tarefa impossível, que mesmo a experiência de anos realizando o mesmo trabalho não foi suficiente para perceber tal impossibilidade. Apenas a título de curiosidade, no período em que realizei esse trabalho tive uma dor nas costas como há muito não sentia; assim que terminei de revisar a última página da prova impressa, quase que instantaneamente, a dor se dissipou e não voltei a senti-la no dia seguinte. Havia um peso “simbólico” muito maior do que o peso “real” a ser carregado, tal qual uma enorme pedra sobre os ombros.

O último fator em questão, muito discutido em minha análise pessoal, é minha insatisfação com a profissão de editor. Faz pelo menos 5 anos que sei que esta não é bem exatamente a profissão que pretendo seguir, sobretudo de modo exclusivo. E a decisão por buscar uma nova profissão foi um longo processo que envolveu um conjunto de questões subjetivas mal resolvidas. Enfim, para resumir, a decisão por procurar um curso de formação em psicanálise e o desejo de me tornar um psicanalista são questões bastante importantes para mim, nesse momento, e ocupam grande parte de meus esforços e preocupações atuais.

Esses três “blocos de significados” (minha profissão atual, o trabalho que eu estava realizando naquele momento e minha decisão por me tornar um psicanalista) me parece ser suficiente para uma hipótese de interpretação desse ato falho. O simples errar a grafia das palavras, por si só, já parece dizer algo, ao se contrapor ao trabalho de revisão que eu executava em que o “mandamento” era não errar, é proibido errar. De um modo mais cru, portanto,

me parece possível dizer que a mensagem do inconsciente, ou mesmo, o conteúdo que se buscava realizar sob a forma de um desejo era: erre, desejo errar. Já aí é possível identificar um conflito entre um desejo inconsciente recalçado e o mecanismo da censura que se ergue sob a forma de um mandamento. E o sutil ato falho, sob a forma de um simples lapso de escrita, portanto, com um baixo nível de investimento energético pulsional, consegue passar disfarçado pela censura, constituindo assim uma formação de compromisso.

Se até aqui o mecanismo do ato falho parece ser satisfeito de modo abstrato pela interpretação, me parece que ainda falta algo de sua dinâmica, ou melhor, do conflito de forças envolvido e também do conteúdo desse conflito. Por que o ato falho se dá exatamente em uma aula sobre ato falho de um curso de formação em psicanálise, e não quando estou escrevendo e-mails, conversando com amigos etc.? Enfim, por que desejo errar? Ou ainda, o que foi recalçado que possui investimento libidinal suficiente para retornar sob a forma de uma formação de compromisso?

O desejo de errar, em si abstrato e sem conteúdo, parece precisar emprestar força/energia de outras representações para poder vingar. A relação associativa que pude estabelecer é que errar significava também poder desejar, e nesse caso, o que fora recalçado e assim permanecera por longo tempo fora o desejo de mudar de profissão, de tentar algo novo, sem quaisquer garantias de êxito, portanto, experimentar com a possibilidade de errar. E após longo período de elaboração essa vontade de mudar de profissão encontrou seu lugar na escolha de tentar a profissão de psicanalista. Assim, cometer um ato falho exatamente em uma aula sobre ato falho de um curso de formação em

psicanálise me parece indicar a realização de um desejo inconsciente: aqui eu posso errar. A continuação desse errar nos grupos de estudo de psicanálise que frequento parece indicar a persistência desse desejar incessante. Nesse sentido, creio que é desse conjunto de associações de representantes ideacionais e de deslocamento de sua energia pulsional que o representante “errar” ganha força para emergir à consciência sob a forma de um ato falho.

Do ponto de vista da resistência, minha profissão atual de editor representa em termos ideacionais certa segurança material, a estabilidade da inércia, o que é garantido, enfim, não errar, não se arriscar, cumprir um destino. E mesmo o trabalho de revisão que eu executava naquele momento, ao cumprir o mandamento do não errar, me colocava em uma posição de “gozo” que impossibilitava o desejar. Esse “gozo” pode ser pensado no sintoma das dores nas costas que eu sentia durante todo o processo de trabalho. A força dessa resistência justificaria a necessidade do “disfarce” do ato falho e da resolução sob a forma de um ato falho, uma formação de compromisso.

Sobre as palavras específicas em que incidiram o lapso na escrita, não sei se tenho hipóteses suficientes para levar adiante, e creio encontrar aqui um dos tantos limites que se oferecem à autoanálise desse simples e sutil ato falho. Mas apenas como hipótese não muito rigorosa, poderíamos pensar que o erro incidir sobre a palavra “verdade” e “realidade” no contexto de “realidade psíquica” talvez funcione como uma espécie de sublinhar a palavra, como algo que devo levar a sério. Isto é: atenção à verdade da realidade psíquica; um ato falho, não é apenas um lapso a ser em seguida esquecido e descartado, ele pode servir muito para a psicanálise.

Referências bibliográficas

BARROS, Manuel de. *Meu quintal é maior que o mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras (1899). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.3. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.3. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v.9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”]; Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Edição eletrônica, sem paginação.)

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v.10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia [dementia paranoides] relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]; Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. A sutileza de um ato falho (1936). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v.18: O mal-estar na civilização; Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.